



A FESTA DAS TURMAS DE FANTASIA COMO INSTRUMENTO DE INCLUSÃO SOCIAL DE JOVENS COM DEFICIÊNCIA

Monique Bezerra da Silva ¹

RESUMO

Este artigo tem como objetivo apresentar o papel da festa como instrumento de inclusão de jovens com deficiência. Como recorte, temos a festa das Turmas de Fantasia do Rio de Janeiro, popularmente conhecida por seus brincantes fantasiados de bate-bola. A motivação para o desenvolvimento deste trabalho foi uma entrevista realizada no âmbito do projeto “Motirô - o festejo como testemunho”, com parceria do Museu da Pessoa, onde foi aplicada uma metodologia já sedimentada de registros e histórias de vida à distância. Os pesquisadores envolvidos realizaram uma imersão na técnica de escuta ativa já difundida pelo Museu da Pessoa. Dentre as entrevistas realizadas, a escolhida para compor este estudo é a “Bate-bolas do pai para os filhos”, onde foi utilizada a ferramenta Google Meet para a gravação. A entrevista chamou a atenção por narrar os desafios de dois jovens bate-bolas que possuem déficit cognitivo e como o carnaval atua como instrumento de inclusão social, dando sentido à vida de toda uma família. Além da análise da entrevista, foi realizado um levantamento bibliográfico sobre os conceitos de festa e espacialidades urbanas dentro da literatura geográfica.

Palavras-chave: Festa, Carnaval, Inclusão Social, Deficiência Intelectual, Juventude.

ABSTRACT

This article aims to present the role of the feast as an instrument for the inclusion of young people with disabilities. As a cut, we have the festivity of the costume groups of Rio de Janeiro, popularly known for its revelers costumed bate-bola. The motivation for the development of this work was an interview carried out within the framework of the project “Motirô - The celebration as testimony”, with partnership of the Museu da Pessoa, where an already sedimented methodology of records and stories of life at a distance was applied. The researchers carried out an immersion in the active listening technique already widespread by the Museum of the Person. Among the interviews conducted, the one chosen to compose this study is “Bate-bola from father to for children”, where the Google Meet tool was used for recording. The interview drew attention for narrating the challenges of two young bate-bola who have cognitive deficits and how carnival acts as an instrument of social inclusion, giving meaning to the life of an entire family. In addition to the analysis of the interview, a bibliographic survey was carried out on the concepts of party and urban spatialities within the geographical literature.

Key words: Festivity, Carnival, Social Inclusion, Intellectual Disability, Youth.

¹ Doutoranda em Geografia da Universidade Federal Fluminense - UFF, moniquebezerradasilva@gmail.com;



INTRODUÇÃO

O carnaval carioca é tido como o maior do mundo e a principal festa do calendário fluminense. Ainda que os suntuosos desfiles das escolas de samba (na Avenida Marquês de Sapucaí) e os tradicionais blocos de rua (sobretudo no eixo centro x zona sul) sejam consideradas as manifestações mais famosas do festejo carnavalesco carioca, há um carnaval não midiático e não valorizado para o consumo de bens simbólicos que também mobiliza multidões nas periferias carioca e fluminense: as turmas de fantasia, que são compostas por brincantes mascarados com fantasias excêntricas, conhecidos popularmente como Clóvis ou Bate-bola e as turmas de Originalidades, com suas tipologias. Embora sua origem seja controversa e diversa, é possível dizer que o surgimento desses brincantes esteja relacionado aos famosos bailes de máscaras europeus, a partir de um redesenho feito pelo povo do carnaval promovido pela burguesia carioca. Essa, por sua vez, buscava afrancesar o carnaval com a fantasia de clowns. Outra versão conhecida cita a relação com a zona oeste carioca, “onde se acredita que a manifestação dos bate-bolas tenha surgido por dois motivos principais: o Matadouro de Santa Cruz e o hangar do zeppelin, na década de 30” (PEREIRA, 2008, pg.24).

Os alemães que construíram o hangar se vestiam de palhaços e usavam máscaras de tela de arame e cabelos de algodão. Esses foliões alemães eram chamados de Clóvis, possivelmente uma adaptação da palavra clown (palhaço). O Matadouro de Santa Cruz teria sido o responsável por ajudar a popularizar a fantasia, pois o mesmo fornecia as bolas que eram usadas no ritual de bater com as mesmas contra o chão, por isso o nome bate-bola.

Organizados em grupos com cerca de 10 a 100 integrantes cada, as turmas de fantasia se multiplicaram nos bairros da zona norte e zona oeste, se expandindo por municípios da Região Metropolitana. É possível dizer que há, aproximadamente, mil turmas em todo o Rio de Janeiro.

Uma vez apresentados os sujeitos que compõem o recorte temático deste artigo, se faz necessário contextualizar a pesquisa doutoral em andamento motivou a proposição do presente trabalho. O estudo parte da pesquisa intitulada “Espacialidades



de pertencimento e existência das turmas de fantasia do carnaval fluminense”. Dentre as atividades desenvolvidas ao longo do percurso doutoral, destaca-se a participação no projeto “Motirô – O festejo como testemunho”, desenvolvido pelo Laboratório de Design de História da Pontifícia Universidade Católica Do Rio de Janeiro – Dhis/PUC-Rio, que teve como objetivo registrar e difundir depoimentos de diversas pessoas envolvidas em todas as etapas de ritos sagrados e profanos com foco nos desafios particulares desse momento histórico de pandemia da COVID-19.

Uma das entrevistas realizada no âmbito do referido projeto chamou atenção não só pelo caráter intergeracional da manifestação cultural, mas também pelo envolvimento de dois jovens que possuem déficit cognitivo, onde a festa carnavalesca atua como instrumento de inclusão social, aqui posto como o principal objetivo do presente artigo.

As manifestações culturais de grupos populares se configuram como temas cada vez mais presentes em pesquisas acadêmicas. A festa das turmas de fantasia é uma prática cultural e socioespacial relevante na contribuição de estudos para a área da geografia urbana. É perceptível que a marcante presença de tais culturas juvenis nas metrópoles contemporâneas, junto à capacidade de anúncio virtual e corpórea de suas narrativas estéticas, muito favorece para a ajudar promover visibilidade, ainda que tenha a presença de estigmas de violência e estereótipos de carência marcantes, como todas as culturas de periferia. É possível dizer que as turmas de fantasia ainda não conquistaram a merecida visibilidade sociopolítica em sua metrópole.

Apesar de enfrentar condições de desigualdade, esses brincantes ganharam expansão em número de turmas, componentes e, ainda, se renovaram, ampliando sua composição com o ingresso de jovens mulheres (bate-boletes) e crianças (turmas infantis). Inserir no debate a pauta da inclusão de pessoas com deficiência, sobretudo jovens, dentro de uma prática cultural periférica como essa é, sem dúvida, a motivação e justificativa para a construção do presente estudo.

METODOLOGIA

Conforme já mencionado, a entrevista que motivou o desenvolvimento do presente artigo foi realizada no âmbito do projeto “Motirô – o festejo como



testemunho”, realizado pelo Laboratório de Design de Histórias da PUC-Rio com parceria do Museu da Pessoa, onde foi aplicada uma metodologia já sedimentada de registros e histórias de vida à distância. Os pesquisadores envolvidos realizaram uma imersão na técnica de escuta ativa já difundida pelo Museu da Pessoa. Dentre as entrevistas realizadas, a escolhida para compor este estudo é a “Bate-bolas do pai para os filhos”², onde foi utilizada a ferramenta Google Meet para a gravação. O link foi enviado via WhatsApp para os entrevistados (Equipe Bruno Magia). O roteiro tinha onze perguntas, onde os entrevistados relataram suas vivências e desafios. A entrevista com a Equipe Bruno Magia chamou atenção por narrar os desafios de dois jovens bate-bolas que possuem déficit cognitivo e como o carnaval atua como instrumento de inclusão social, dando sentido à vida de toda uma família. Além da análise da entrevista, foi realizado um levantamento bibliográfico sobre os conceitos de festa e espacialidades urbanas dentro da literatura geográfica.

REFERENCIAL TEÓRICO

Sennet (1996), descreveu o modo relacional entre as vivências de pessoas e seus corpos em diversas espacialidades, indicando como a forma dos espaços urbanos deriva e, também, produz um conjunto de experiências corpóreas ímpares. Nesse sentido, é possível dizer que as práticas culturais são fundamentais para construir essas experiências, pois retratam as marcações características dos modos de vida de uma sociedade, comunidade ou grupo (FORQUIN, 1993).

As festas são um fenômeno que influenciam fortemente o espaço geográfico. Ocorrem em todo mundo e em todas as sociedades, sendo populares já na Antiguidade. A partir da década de 1990, a festa passa a ser considerada como um objeto de estudo na geografia, sobretudo por sua “geograficidade”, mediante a organizações espaciais específicas (CLAVAL, 2007; DI MÉO. 2001).

Para o geógrafo Paul Claval, em sua obra “A Geografia Cultural” (2007), a festa é considerada uma marca que fornece marcações espaço-temporais da vida coletiva

² Bate-bolas do pai para os filhos. Disponível em:

<https://acervo.museudapessoa.org/pt/conteudo/historia/bate-bolas-do-pai-para-os-filhos180792/colecao/179820>. Acesso em: 05 jul 2021.



(familiar, religiosa ou cívica), com forte sentido de pertencimento ao coletivo. Inclusive, para Claval (2007, p; 133) “a máscara e o disfarce permitem a cada um ser um outro, falar e se comportar livremente”. Se refere a festa como uma catarse – em referência à Aristóteles, pois [para o teatro grego] “as grandes representações dramáticas permitiam aos espectadores viver por procuração situações extremas às quais não tinham acesso no decorrer normal de sua existência e se liberar assim de sua agressividade” (2007, p. 133).

Claval também afirma que “cada um é, por sua vez, ator e espectador e vive um momento de intensa emoção, de comunhão e de evasão” e define que o papel importante desempenhado pelas festas “em certas civilizações justifica organizações espaciais específicas, às vezes grandiosas: vastas avenidas para acolher as procissões, praças monumentais, construções gigantes capazes de reunir sob a mesma muralha celebrantes e espectadores” (2007, p.133).

Nesse sentido, Guy Di Méo, em sua obra “La géographie en fêtes” (2001), sugere uma leitura do papel social da festa que, para além da relevância de sua função política incorporada de sua expressão ideológica (principalmente cultural, sagrada e cosmológica) é fundamental incluir, também, o papel no valor socioeconômico.

Atualmente, os territórios populares abrigam problemas que as regiões centrais, regularmente, não incorporam. Embora os estereótipos de violência e marginalização estejam constantemente associados à sua imagem, as periferias são lugares inventivos, cenário de criações e experimentações culturais, que incitam a restauração de laços de sociabilidade e o aumento da autoestima proporcionadas pela miscelânea construtiva (SIMONE, 2004) que provém das dinâmicas de experimentação nesses espaços.

Desse modo, a festa passa a ter um papel fundamental na construção de espacialidades urbanas em territórios periféricos a partir dos sujeitos brincantes do carnaval das turmas de fantasia, redesenhando a cidade, reinventando os modos de ser e estar no mundo e respondendo às imprevisibilidades/precariedades de seus territórios. Nessa perspectiva, Simone (2008) afirma que a principal infraestrutura e o principal elemento de construção é o corpo e, sendo assim, é o corpo que desenha a cidade.



No que se refere ao recorte deste artigo, os corpos em festa que aqui se destacam são jovens com déficit cognitivo/deficiência intelectual (DI). A Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência apresenta a seguinte definição:

Pessoas com deficiência são aquelas que têm impedimentos de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, os quais, em interação com diversas barreiras, podem obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas.³

De acordo com *American Association on Intellectual and Developmental Disabilities* (AAIDD, 2012), a DI é uma condição que se caracteriza por limitações importantes no funcionamento intelectual e no comportamento adaptativo, expresso nas habilidades adaptativas conceituais, sociais e práticas, que são manifestadas até os dezoito anos de idade. É, portanto, um modo particular e multidimensional de funcionamento que tem início na infância.

A juventude, por sua vez, é uma fase posterior à infância e anterior à vida adulta. Segundo Cassab (2011), há certa dificuldade para se definir juventude e jovem. A autora apresenta três grandes acepções que norteiam essa conceituação: (1) Definição a partir de um recorte etário definido pela Organização Mundial de Saúde (OMS), entre 15 e 24 anos; (2) Transição entre a infância e a vida adulta; (3) Um eterno devir, como um projeto de futuro sem levar em consideração o momento presente. A autora também identifica uma representação contraditória sobre o que é juventude e o que é ser jovem, pois por um lado traz sinônimos como vitalidade, dinamismo e criatividade, mas por outro lado também é associada à violência e à delinquência (CASSAB, 2011, p. 158).

Em relação ao jovem com deficiência, sobretudo ao jovem com DI, é possível dizer que há um ciclo de impossibilidades instaurado desde a infância em suas vidas, em suas relações interpessoais e, também, em suas relações com a cidade. Como romper esse ciclo e empoderar esses jovens? Neste estudo, a festa é vista como um instrumento de inclusão, ressignificando seus modos de ser e estar na vida a partir do brincar na cidade.

³ Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência. Disponível em: http://www.pcdlegal.com.br/convencaoonu/wp-content/themes/convencaoonu/download/s/ONU_Cartilha.pdf. Acesso em: 13/11/2021.



Nesse sentido, pensar o jovem a partir da cidade é pensar em diversos modos de ser jovem, de estar na juventude e em suas variadas formas de viver como jovem na cidade (SIMÃO, 2011, p. 08).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na entrevista, Ednaldo Nascimento é o porta-voz da Equipe Bruno Magia. Bruno também participa, mas prefere que o pai responda ativamente. Ednaldo enfatiza sobre como é importante que seus dois filhos com DI saiam de Bate-bola para terem inclusão social. Relata também que começou a fazer registros de bate-bola de forma semi profissional no ano de 2008, apenas com fotos e a partir de 2010 passou a realizar vídeos para o canal de Youtube, intitulado de Equipe Bruno Magia.

Homenagem à Equipe Bruno Magia - 2016



Foto: Acervo de Ednaldo do Nascimento Silva (pai) / Bruno Reboredo Nascimento (filho)



De acordo com Ednaldo, Bruno faz parte da produção: separa equipamentos, arruma a bolsa e organiza tudo para facilitar o trabalho do pai em relação às filmagens e edição dos vídeos. Ele também relata o como foi importante se apegar ao carnaval como um meio para distrair seus filhos, como um refúgio da realidade: “Para o Bruno e o meu outro filho, que também é especial, passa a ser uma igualdade social para eles” (NASCIMENTO, 2020).

O tema inclusão social está presente em muitas frases da entrevista com Ednaldo, por diversas vezes emocionado ao narrar sua história de vida e os desafios enfrentados por seus filhos:

Se eles estiverem em uma roda de amigos, todos estão conversando e ele estará destacado. Se ele falar algo, todos vão falar ‘é, tá bom’... Mas quando ele está de Bate-bola, todo mundo é igual. Tem o preto, tem o branco, tem a mulher, tem o homem, o rico... Todo mundo é igual, não tem aquele que fica destacado e isso é muito bacana, é inclusão social. Isso é muito bom, muito. Você não sabe o valor que tem a inclusão social. Porque a gente vivenciar uma exclusão social, uma vida toda, direcionada aos nossos filhos é muito difícil. Daí quando a gente percebe que ele tá num grupo onde todos são iguais, aquilo é muito bacana (NASCIMENTO, 2020).

Ednaldo diz que todos os esforços para a manutenção da Equipe Bruno Magia como um projeto que documenta e preserva a manifestação dos Bate-bolas no Rio de Janeiro é para se sentir representado, pertencer. “A finalidade não é ganhar dinheiro ou popularidade... É poder participar de um grupo, essa é a verdadeira finalidade” (NASCIMENTO, 2020). Percebe-se, então, a festa como forte sentido de pertencimento ao coletivo, conforme exposto por Claval (2007).

No começo, Ednaldo e seus filhos faziam suas próprias fantasias de bate-bola. Depois, Bruno começou a sair em uma turma chamada Magia. Foi então que todos começaram a chamá-lo de Bruno Magia. Quando eles iniciaram esse movimento, não tinha acesso à internet, faziam em DVD. O primeiro DVD teve o nome de Bruno Magia. Quando começaram a ter acesso à internet, foi criado o canal do YouTube, que foi nomeado de Equipe Bruno Magia.



Bruno não é independente em ambientes externos, não pode andar sozinho. Todos os anos ele sai para brincar o carnaval em uma turma de fantasia diferente, como forma de ter livre acesso a várias turmas e ao mesmo tempo não se envolver nos problemas pertinentes a cada uma delas. Porém, ele acabou se apegando a uma determinada turma, que possui uma característica mais familiar e acolhedora. Assim, Ednaldo consegue fazer suas filmagens e ficar tranquilo pois sabe que Bruno estará em um ambiente seguro, sendo tratado de igual para igual e podendo brincar livremente. O próprio Bruno sente esse acolhimento e prefere estar vinculado a essa turma, especificamente. Bruno sai de Bate-bola desde 1 ano de idade. Ele veste a fantasia praticamente todos os dias e brinca ao som de variadas músicas em sua casa.

Ednaldo e o filho Bruno na saída da Turma HIAGO - 1996



Foto: Acervo de Ednaldo do Nascimento Silva (pai) / Bruno Reboredo Nascimento (filho)

Ednaldo é um brincante desde criança. Passou a juventude se dedicando a brincar o carnaval como bate-bola em Marechal Hermes, foi inclusive líder de turma. Ele e sua esposa se conheceram em um coreto de carnaval, ela fazia parte de uma turma



de fantasia de “velhas”⁴. Após se casarem, decidiram dar atenção à família e planejar a chegada de filhos. O primeiro filho, Diogo, apresentou o diagnóstico de deficiência. Foi então que a família resolveu voltar a se dedicar ao carnaval como forma de distrair a criança. Esperaram mais cinco anos para a chegada do segundo filho e, novamente, tiveram o mesmo diagnóstico. Ednaldo viu o carnaval como seu refúgio para lidar com as intempéries, como forma de amenizar os dilemas enfrentados com a deficiência dos dois filhos: “Vamos viver nesse mundo aqui, esse mundo tá legal pra gente. O nosso mundo real é muito difícil. Posso contar coisas aqui que é difícil de acreditar” (NASCIMENTO, 2020).

Ednaldo também expôs seu descontentamento em relação à luta contra a discriminação de pessoas com deficiência:

Ouçó muito falar na televisão e nos jornais sobre o preconceito com negro, com mulheres, mas não ouço falar do preconceito com deficiente (...) Infelizmente as pessoas acham normal. Vejo programas como “Os Trapalhões” e outros programas que vivem zoando o portador. O ratinho, por exemplo, coloca vários personagens, como se fossem portadores. Quando aquele portador aparece, ele baixa o ‘cacete’ nele. Isso manda a mensagem para a população de que é isso que a população deve fazer (...) De bate-bola, já mudou o esquema, todo mundo é igual. É isso que me traz mais para o mundo da fantasia (NASCIMENTO, 2020).

Ednaldo é vigilante e está há três anos afastado de suas funções laborais pelo psiquiatra por conta de uma depressão. Ele atribui isso ao preconceito que vive durante esses anos com seus filhos deficientes: “Sempre que eu me sinto acuado ou diminuído, eu me coloco no lugar deles” (NASCIMENTO, 2020).

Tatuagens de Ednaldo Tatuagens de Ednaldo que representam seus dois filhos Bruno e Diogo. - s.d.

⁴ Turma de Velhas é conhecida como uma tipologia das Turmas de Originalidades.



Foto: Acervo de Ednaldo do Nascimento Silva (pai) / Bruno Reboredo Nascimento (filho)

Diogo como Bate-bola da PAZ da Turma do Índio - 2016



Foto: Acervo de Ednaldo do Nascimento Silva (pai) / Bruno Reboredo Nascimento (filho)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível afirmar que a festa das turmas de fantasia são fenômenos socioculturais com uma significativa inscrição na produção de uma atuação marcada no território. São vivências por meio das quais os grupos sociais se identificam, se reconhecem e se afirmam como sujeitos de *afetos de pertencimento* em seus territórios de morada.



A partir da análise do relato da Equipe Bruno Magia, presente no site do Museu da Pessoa, foi possível concluir que a escolha de pesquisa a festa das turmas de fantasia e o carnaval como instrumento de inclusão social também implica a escolha de colocar em debate o Direito à Cidade, tendo como referência territórios periféricos e seus sujeitos em potências culturais como atos políticos.

Lefèbvre (2000) destacava que criação estética teria a poder de reencantar a cidade, fazendo dela uma obra coletiva e uma em suas diferenças, para inventar uma relação orgânica entre o coletivo e o indivíduo, entre a estética e o espaço, em suma, traduzindo a conquista de uma vida urbana renovada e transformadora da sociedade.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, J. L.; SILVA, M. B. **A festa das turmas de fantasia como patrimônio territorial**. Caderno Virtual de Turismo, v. 20, n. 3, 2020.

_____; SILVA, M. B. **Culturas de Periferia 2**. Observatório de Favelas, 2018.

CASSAB, C. **Contribuição à construção das categorias jovem e juventude: uma introdução**. Locus: Revista de História, [S. l.], v. 17, n. 2, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/locus/article/view/20352>. Acesso em: 14 nov. 2021.

CLAVAL, P. **A Geografia cultural**. rev. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2007.

DI MÉO, G. **La géographie en fêtes**. Editions Ophrys, 2001.

FERNANDES, N. **Escola de Samba: sujeito celebrantes e objetos celebrados**. Coleção Memória da Cidade, Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.

FORQUIN, J. C.. **Escola e Cultura: a sociologia do conhecimento escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

LEFÈBVRE, H. **O Direito à Cidade**. São Paulo: Centauro Editora, 2000

PEREIRA, A. **Tramas simbólicas: a dinâmica das turmas de bate-bolas do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Uerj, 2008.

SENNETT, R. **Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental**. Editora Record, 2006.

SCHALOCK, R. L. et al. **American Association on Intellectual and Developmental Disabilities**. User's Guide Workgroup, 2012.



SIMÃO, M. P. **JOVENS E FAVELAS: EM BUSCA DE VISIBILIDADE POLÍTICA**. Ensaio de Geografia, v. 4, n. 8, p. 7-27, 10 jan. 2016.

SIMONE, A. **For the city yet to come**: Changing African life in four cities. Duke University Press, 2004.

_____. **People as Infrastructure**. In: Johannesburg. Duke University Press, 2008.